

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS

GRAZIELA APARECIDA RAIMUNDO

**A REVISTA NOVA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O
USO EDUCACIONAL DAS MÍDIAS DIGITAIS: PESQUISA EXPLORATÓRIA
DAS EDIÇÕES PUBLICADAS ENTRE 2006 E 2010.**

Guarulhos

2016

GRAZIELA APARECIDA RAIMUNDO

**A REVISTA NOVA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O
USO EDUCACIONAL DAS MÍDIAS DIGITAIS: PESQUISA EXPLORATÓRIA
DAS EDIÇÕES PUBLICADAS ENTRE 2006 E 2010.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade
Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção
do grau em Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Lucila Pesce

Guarulhos

2016

Na qualidade de titular dos direitos autorais deste trabalho, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita no Repositório Institucional da UNIFESP, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais, para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico desse trabalho para fins de divulgação intelectual da instituição.

Raimundo, Graziela Aparecida

A Revista Nova Escola e a formação do Pedagogo para o uso educacional das mídias digitais: Pesquisa Exploratória das edições publicadas entre 2006 e 2010 / Graziela Aparecida Raimundo. – Guarulhos, 2016.

70 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

Orientadora: Dra. Lucila Pesce.

GRAZIELA APARECIDA RAIMUNDO

**A REVISTA NOVA ESCOLA E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O
USO EDUCACIONAL DAS MÍDIAS DIGITAIS: PESQUISA EXPLORATÓRIA
DAS EDIÇÕES PUBLICADAS ENTRE 2006 E 2010.**

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Lucila Pesce

Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Izabel Patrícia Meister

Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Valéria Sperduti Lima

Universidade Federal de São Paulo

Guarulhos

2016

RAIMUNDO, Graziela Aparecida. A Revista Nova Escola e a formação do pedagogo para o uso educacional das mídias digitais: pesquisa exploratória das edições publicadas entre 2006 e 2010. 2016. 70 p. Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso. Pedagogia. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo.

Resumo

A presente monografia, desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de graduação, busca investigar as principais tendências e abordagens de uso educacional das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) propostas na Revista Nova Escola. A análise documental ampara-se nos seguintes campos conceituais: educação e mídias digitais, formação de professores e mídias digitais, educação e geração Y. A análise das tendências de uso educacional das TDIC reporta-se ao artigo de Santos (2010), que traz um painel histórico da informática educativa no Brasil. A análise das abordagens de uso educacional das TDIC pauta-se em Valente (2002), que destaca as vertentes instrucionista e construcionista, a partir dos estudos de Seymour Papert (1994) e em Bonilla e Pretto (2015), em menção à utilização das TDIC sob o enfoque culturalista. A pesquisa exploratória pauta-se nas premissas da investigação qualitativa, para realizar a análise documental da revista Nova Escola, no período de 2006 a 2010. Os achados da pesquisa sugerem que as tendências de uso educacional das TDIC tendem a priorizar os aspectos relativos à utilização pedagógica das TDIC, considerando as questões atinentes à Web 2.0. Em relação à abordagem de uso das TDIC, a revista apresenta, na maior parte de suas matérias, uma abordagem mais próxima às vertentes construcionista e culturalista. Pelos argumentos ora apresentados, a pesquisa ressalta a importância da Revista Nova Escola, como instância formativa dos professores atuantes na educação básica, podendo vir a contribuir de modo contundente para o adensamento do debate sobre o uso significativo das TDIC em sala de aula.

Palavras-chave: Educação e Mídias Digitais; Formação do Professor e Mídias Digitais; Educação e Geração Y.

Abstract

This monograph investigates key trends and approaches to educational use of Information and Communication Digital Technologies (TDIC) proposed in the Magazine called *Revista Nova Escola*. The documentary analysis works with the following conceptual fields: education and digital media, teacher training and digital media, education and Y generation. The analysis of educational usage trends of TDIC refers to the article written by Santos (2010), which brings a historical panel of educational computing in Brazil. The analysis of approaches to educational use of TDIC is guided in Valente (2002), which highlights the instructional and constructivist aspects, which came from the studies of Seymour Papert (1994) and in Bonilla and Pretto (2015), in reference to the use of TDIC under the a culturalist approach. The exploratory research is guided in the premises of qualitative research, to carry out the documentary analysis of the *Revista Nova Escola*, from 2006 to 2010. The findings suggest that the trends of educational use of TDIC tend to highlight aspects of the educational use of TDIC, considering the Web 2.0 characteristics. Regarding to the use of TDIC approach, the magazine features in most of its materials, a closer approach to constructivist and culturalist aspects. So, the research highlights the importance of the *Revista nova Escola*, as a formative instance of basic education's teachers and may contribute to the debate on the meaningful use of TDIC in the classroom.

Keywords: Education and Digital Media; Teacher Training and Digital Media; Education and Y Generation.

Lista de Quadros

Quadro 1 - Entendendo as Gerações.....	40
Quadro 2 - Publicação relacionada a educação e tecnologia no ano de 2006.....	46
Quadro 3 - Resultados da análise na categoria de <i>Permanências e Mudanças</i> referentes às matérias de 2006.....	47
Quadro 4 - Resultados da análise na categoria de <i>Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia</i> referentes às matérias de 2006.....	47
Quadro 5 - Publicação relacionada a educação e tecnologia no ano de 2007.....	48
Quadro 6 - Resultados da análise na categoria de <i>Permanências e Mudanças</i> referentes às matérias de 2007.....	48
Quadro 7 - Resultados da análise na categoria de <i>Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia</i> referentes às matérias de 2007.....	49
Quadro 8 - Publicações relacionadas a educação e tecnologia no ano de 2008.....	49
Quadro 9 - Resultados da análise na categoria de <i>Permanências e Mudanças</i> referentes às matérias de 2008.....	51
Quadro 10 - Resultados da análise na categoria de <i>Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia</i> referentes às matérias de 2008.....	51
Quadro 11 - Publicações relacionadas a educação e tecnologia no ano de 2009.....	52
Quadro 12 - Resultados da análise na categoria de <i>Permanências e Mudanças</i> referentes às matérias de 2009.....	55

Quadro 13 - Resultados da análise na categoria de <i>Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia</i> referentes às matérias de 2009.....	56
Quadro 14 - Publicações relacionadas a educação e tecnologia no ano de 2010.....	57
Quadro 15 - Resultados da análise na categoria de <i>Permanências e Mudanças</i> referentes às matérias de 2010.....	60
Quadro 16 - Resultados da análise na categoria de <i>Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia</i> referentes às matérias de 2010.....	61
Quadro 17 - Matérias referentes à Educação e Tecnologia na Revista Nova Escola	62
Quadro 18 - Primeira Categoria de Análise: Permanências e Mudanças.....	63
Quadro 19 - Segunda Categoria de Análise: Abordagens de Uso Educacional da Tecnologia.....	64

Lista de Siglas

CC – Computador Conectado à Internet

CNE/CP – Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno

CONAE – Conferência Nacional de Educação

EAD – Educação a Distância

PC – Computador pessoal

PNE – Plano Nacional de Educação

PPP – Práticas Pedagógicas Programadas

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SNE – Sistema Nacional de Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UCA – Programa Um Computador por Aluno

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – Marco Teórico	
Educação e Mídias Digitais	20
Formação de Professores	21
Formação de Professores e Mídias Digitais	31
Educação e a Geração Y	38
Capítulo 2 – Pesquisa Exploratória	
2.1 Metodologia	42
2.2 Contextualização do objeto de investigação	44
2.3 Análise documental	46
Considerações finais	65
Referências	67

Introdução

O presente trabalho visa investigar de que modo a revista Nova Escola tem abordado o campo da Educação e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), no período de 2006 a 2010. A escolha da revista foi pautada na relevância da revista para a área de educação, considerando sua grande circulação. A revista tem como público os docentes da Educação Básica e suas publicações têm traduzido as pesquisas científicas em narrativas mais próximas do público alvo. Nesse movimento, a revista tem desempenhando significativo papel de mediação entre a teoria e prática pedagógica e contribuído para a formação continuada dos profissionais da educação básica.

A revista foi lançada em março de 1986, por Victor Civita, com a finalidade de fornecer às professoras e aos professores do ensino fundamental (antigo primeiro grau), informações necessárias para um melhor desempenho de seus trabalhos, valorizando a docência através do resgate de seu prestígio e liderança junto à comunidade, com vistas a integrar os profissionais do ensino aos processos de mudanças em voga no país, propiciando a troca de experiências e de conhecimentos entre seu público de leitores. Esta é uma revista de publicação mensal que aborda assuntos relativos à educação de várias formas: entrevistas, artigos, reportagens, relatos de experiências e seções de divulgação de trabalhos desenvolvidos por todo o país entre seus pares.

A proposta da presente monografia é analisar as publicações de 2006 a 2010, em integração à monografia desenvolvida por outra aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob a supervisão da mesma orientadora - Profa. Dra. Lucila Pesce – que analisou as publicações dos anos de 2011 a 2015. A intenção é que ambas as monografias analisem o fenômeno em tela, ao longo da última década.

O recorte temporal de ambos os trabalhos de conclusão de curso (TCC) tem como marco a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, Licenciatura, Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de

2006, haja vistas que o objeto de investigação de ambas as pesquisas volta-se à formação inicial do Pedagogo. Conforme o Documento, o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a “relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e educação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas” (art. 5, inciso VII).

Justificativa

O uso das TDIC se faz presente em nossa sociedade, portanto, é evidente a relevância de se estudar um pouco mais as publicações que visam integrar as tecnologias e a educação, voltadas para o público docente, especificamente na revista Nova Escola. Esta pesquisa possui relevância científica, pois se integra ao projeto *Políticas de Inclusão Digital: Desdobramentos na Educação Básica e na Formação de Professores*, desenvolvido pela Professora Dra. Lucila Pesce. O projeto de pesquisa é voltado às políticas de inclusão digital e seus dobramentos no currículo da educação básica e no campo da formação de professores. Para tanto, abarca o estudo das normativas legais sobre formação de professores para o uso pedagógico das TDIC, pesquisas exploratórias de publicações e programas de inclusão digital, voltados às escolas públicas do país e investigações de ações de formação de professores da educação básica para o uso educacional das TDIC, nos âmbitos das redes de educação (estadual e municipal) e das unidades escolares. Nesse contexto, a Revista objeto de análise, por sua abrangência e inserção entre os professores da educação básica, é interpretada no presente trabalho, como importante instância de formação desses profissionais. Em atenção ao escopo do projeto da orientadora, são analisadas matérias que tenham como foco o uso educacional das TDIC voltados à formação e atuação do Pedagogo, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Reitero a relevância acadêmica, pois as publicações voltadas para a atuação do profissional professor qualificam a reflexão acerca da prática

pedagógica, a partir de questionamentos que resgatam e valorizam experiências e realidades dos participantes, para que possa haver o desenvolvimento de propostas formativas que efetivamente incorporem as TDIC ao seu cotidiano profissional (PESCE e LIMA, 2012). Reitero a importância de analisar mais profundamente as publicações voltadas para o uso das TDIC na revista em questão, pois, conforme VALENTE (2002, p. 133),

[...] a presença da internet, ou do computador em si, não é garantia para que o aluno construa conhecimento. Cabe ao professor saber explorar os potenciais educacionais oferecidos pela internet ou pelo computador e criar situações para o aluno poder significar e compreender a informação obtida e com isso, construir novos conhecimentos.

Portanto, pretendo investigar em que medida a revista objeto de análise contribui para a qualificação dos docentes para o efetivo aproveitamento do potencial educacional oferecido pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Aqui, a premissa assumida é a de que, dentro do contexto escolar, por falta de formação específica e contínua dos docentes quanto ao uso pedagógico das TDIC, os recursos tecnológicos têm assumido a tendência de serem entendidos como um fim e não um meio, evidenciando na prática a abordagem instrucionista de uso das TDIC. A saber: na abordagem instrucionista a interação do aprendiz consiste na leitura da tela; e na abordagem construcionista a construção do conhecimento ocorre com a resignificação das informações por parte do aprendiz, VALENTE (2002).

No presente trabalho, também encontro relevância social na crença de que o assunto pode contribuir para uma melhor problematização de nossa sociedade atual através de publicações que fomentem a troca de experiências significativas e efetivas entre os profissionais da educação.

Justifico a necessidade de problematizar ainda mais a temática educação e TDIC com os argumentos da Conferência Nacional da Educação (CONAE), que se referem ao uso das TIC como uma das bases para a “[...] democratização do acesso, da permanência e do sucesso escolar, em todos os níveis e modalidades da educação, como instrumento na construção da

qualidade social da educação como um direito social [...]” (CONAE 2010, p. 68). Ainda conforme o documento,

A garantia do uso qualificado das tecnologias e conteúdos multimidiáticos na educação implica ressaltar o importante papel da escola como ambiente de inclusão digital, custeada pelo poder público, na formação, manutenção e funcionamento de laboratórios de informática, bem como na qualificação dos/das profissionais. Numa sociedade ancorada na circulação democrática de informações, conhecimentos e saberes, por meio das tecnologias de comunicação e informação, propõe-se a disseminação do seu uso para todos os atores envolvidos no processo educativo, com ênfase nos professores/as e estudantes, sendo necessária uma política de formação continuada para o uso das tecnologias pelos/as educadores/as. (p. 71)

Além das relevâncias citadas acima, tenho interesse pessoal pelo tema, pois no meio educacional, ao menos até onde pude observar durante a PPP III¹, prevalece a abordagem instrucionista e as demandas do mercado de trabalho, essa última em consonância com a teoria de Machado (1994), que afirma ser finalidade da educação atender às demandas específicas deste mercado.

Delimitação do Problema

Quais as principais tendências e abordagens de uso educacional das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) propostas na Revista Nova Escola, no período de 2006 a 2010?

Suposição

A Revista objeto de análise contribui para a inclusão digital do Pedagogo, pois apresenta propostas relevantes de uso educacional das TDIC,

¹ No trabalho desenvolvido nas Práticas Pedagógicas Programadas III em 2011, observei a realidade de uma escola da rede pública estadual paulista, e tive a oportunidade de analisar e discutir a temática inclusão digital no contexto escolar e sua relação com a formação de professores.

sendo que várias destas propostas se aproximam das premissas epistemológicas do construcionismo e da aprendizagem colaborativa em rede.

Objetivo Geral

Investigar as principais tendências e abordagens de uso educacional das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação propostas na Revista Nova Escola, no período de 2006 a 2010.

Objetivos Específicos

- Proceder à leitura e reflexão sobre educação e mídias digitais.
- Proceder à leitura e reflexão sobre formação de professores e mídias digitais.
- Proceder à leitura e reflexão sobre educação e a geração Y.
- Delinear o movimento metodológico da pesquisa, explicitando a abordagem metodológica, a tipologia e o procedimento de análise.
- Contextualizar o objeto de investigação.
- Proceder à análise documental das matérias (artigos, entrevistas, reportagens etc.) publicadas na Revista Nova Escola, no período de 2006 a 2010, visando identificar as principais tendências e abordagens de uso educacional das TDIC nela propostas.
- Discutir os resultados e elaborar as considerações finais.

Metodologia

A abordagem metodológica deste trabalho será qualitativa, pois, conforme Lüdke & André (1986), analisar dados qualitativamente significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, organizando-o e dividindo-o em partes, relacionando essas partes na busca de identificar tendências e padrões relevantes. São características desse tipo de abordagem: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; possui caráter descritivo; a ênfase está no processo de investigação e análise dos dados de forma indutiva. Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 51),

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber “aquilo que *e/les* experimentam, o modo como *e/les* interpretam as suas experiências e o modo como *e/les* próprios estruturam o mundo social em que vivem” (Psathas, 1973). Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de forma neutra.

Após a delimitação do período a ser utilizado para análise, estudei as cinquenta revistas para analisar apenas os conteúdos relacionados ao campo Educação e Tecnologias, anualmente, com base em duas categorias:

1. *Permanências e mudanças* (correspondentes às tendências do uso educacional das TDIC): nessa categoria, as publicações foram analisadas a partir das pesquisas de Edméa Santos (2010), que tratam do painel histórico da informática educativa no Brasil.
2. *Abordagens de uso Educacional das TDIC*: nessa categoria, analisamos o tipo de abordagem utilizada, embasadas pelas abordagens construcionista e instrucionista anunciadas por VALENTE (2002), a partir dos estudos de Seymour Papert (1994), bem como culturalista (BONILLA e PRETTO, 2015).

Tipologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória. Conforme Gil (2002), estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, visando torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Assim sendo, aprofundarei os estudos sobre o tema, com vistas a descrever este fenômeno e adquirir melhor compreensão dele para planejamento de pesquisas futuras.

Corpus de análise

O *corpus de análise* é a Revista Nova Escola e suas edições publicadas no período de 2006 a 2010. A escolha da revista foi pautada na grande circulação e prestígio que a mesma tem entre os professores da educação básica; em seu acesso livre e democratizado, por estar disponível *online* e também disponível nas bibliotecas de boa parte das escolas públicas. O recorte específico é a investigação das matérias que abordam o tema Educação e Tecnologia.

Forma de análise

Análise documental. Conforme Richardson (1999, p. 230), “[...] análise documental consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados”, sendo seu objetivo básico a determinação fiel dos fenômenos sociais.

Quanto à descrição dos capítulos que integram o presente trabalho, o primeiro será dividido em quatro itens, que apresentam as relações entre mídia e educação, formação de professores, formação de professores e mídias digitais e, finalizando, a relação entre educação e geração y. Para tanto, temos como referencial teórico específico às TDIC: Lévy (1999) e Belloni (2005). Sobre TDIC e formação Docente: Brito (2006), Bonilla (2010), Bonilla e Pretto (2015), Machado (1994), Pesce e Lima (2012), Pesce (2010), Sampaio e

Bonilla (2012), Santos (2010), Soares (2002), Zuin (2010) e Valente (2002). Sobre formação docente: Freire & Shor (1997), Giroux (1997), Nóvoa (1999) , Cavaco (1999), Esteve (1999), Sacristán (1999).

No segundo capítulo, dividido em três itens, apresento a metodologia de pesquisa utilizada, trazendo detalhes sobre o objeto de investigação, a Revista Nova Escola, e relato a análise documental.

Nas considerações finais discuto os resultados, retomando os pontos norteadores da pesquisa. Na sequência, apresento as referências e a legislação consultada.

CAPÍTULO 1

1.1 Educação e Mídias Digitais

Na literatura pertinente, há significativo acervo que trata do assunto, porém creio que este ainda não é um assunto esgotado, pois acredito na existência de certa distância entre a prática docente e o que propõem as pesquisas e a legislação específica. Entendo que deve haver mais reflexão por parte dos atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem, para que o uso pedagógico das TDIC se efetive como sugerem os referenciais teóricos. Este entendimento me leva à seguinte questão de pesquisa: **de que modo a Revista Nova Escola tem abordado a temática relativa à interface entre educação e tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC)?**

Dentre a bibliografia consultada, há convergências na opinião dos autores, que reforçam a importância e benefícios de se integrar as TDIC à prática docente. Para Belloni (2005), nossa sociedade está sob a influência e impacto dos avanços tecnológicos, entendidos como processos sociais. Segundo a autora, é eminente a penetração destas “máquinas inteligentes” em todas as esferas da vida social e as transformações que elas proporcionam nos dias atuais, porém a autora alerta que é preciso evitar o deslumbramento que tende a levar ao uso indiscriminado da tecnologia por si, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas. Assim sendo, é necessária a integração das novas tecnologias da informação e comunicação para melhorar a eficiência dos sistemas e, principalmente, como ferramenta pedagógica em prol da formação autônoma do indivíduo. Ainda conforme a autora,

[...] a questão da integração das TIC aos processos educacionais transcende as questões puramente técnicas para se situar no nível da definição das grandes finalidades sociais da educação. Os fins e os modos desta integração dependem das escolhas da sociedade: deve a escola educar também para a cidadania ou só para a produção? (BELLONI, 2005, p. 29)

Já Levy (1999) revela uma nova relação com o saber, provocada pela atual velocidade do surgimento e renovação dos saberes. Para o autor, as tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação e

novos estilos de raciocínio e conhecimento, amplificando, exteriorizando e modificando as funções cognitivas humanas.

Para o autor, nessa nova relação com o saber, são necessárias grandes reformas nos sistemas de educação e formação e, neste contexto, o professor deve deixar de ser um fornecedor direto de conhecimentos, devendo se transformar em fomentador da inteligência coletiva de seus alunos.

Para Valente (2002), o uso da internet representa o maior potencial de aplicação das TDIC na educação e, dependendo da abordagem, seu uso na sala de aula pode ser tanto utilizado no processo de construção do conhecimento, quanto complementar ou subsidiar os processos de transmissão de informação. O autor considera que a presença da internet ou do computador em si não é garantia para que o aluno construa conhecimento, pois cabe ao professor saber explorar os potenciais educacionais oferecidos pelas TDIC, criando situações para que o aluno possa significar e compreender a informação obtida, construindo novos saberes.

Belloni (2005) reitera a importância de o ambiente escolar estar integrado às TDIC, pois,

O aumento da adequação e da produtividade dos sistemas educacionais vai exigir, nesta passagem de século e milênio, a integração das novas tecnologias de informação e comunicação, não apenas como meios de melhorar a eficiência dos sistemas, mas principalmente como *ferramentas pedagógicas* efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo. (p. 24)

1.2 Formação de Professores

Acredito que falar sobre formação docente é um campo vasto, complexo e que nunca se esgota, haja vistas que a atuação desses profissionais se dá na interação com o outro. Então, para tratar do assunto, iniciarei a discussão com Paulo Freire, que se denomina “[...] um educador apaixonado -, porque não entendo como viver sem paixão.” (FREIRE & SHOR 2011, p. 281).

Segundo os autores, a educação formal nas salas de aula não atinge o objetivo de motivar os estudantes, pois os exclui do processo da busca pelo conhecimento e das atividades propostas. É comum encontrar nas escolas estudantes que se motivam fora do ambiente escolar quando a escola existe, *a priori*, na mente dos professores, nos programas de ensino, no referencial bibliográfico ou nas exigências dos órgãos do governo. Nesse contexto, o conhecimento é tratado sem conexão com a realidade dos estudantes, já que “Hora após hora, ano após ano, o conhecimento não passa de uma tarefa imposta aos estudantes pela voz monótona de um programa oficial.” (*ibid.* p. 18). Contrários a essa prática, Freire e Shor enfatizam que o processo de motivação dos alunos não pode acontecer fora da prática pedagógica, pois esse processo faz parte da ação, é um momento da própria ação. O indivíduo se motiva à medida que atua. Portanto, superar a alienação dos estudantes é o maior problema do aprendizado nas escolas. Os autores sugerem que, para superar a alienação dos estudantes, “A educação deve ser integradora – integrando os estudantes e os professores numa criação e re-criação do conhecimento comumente partilhadas.” (p. 24). Paulo Freire sugere que a educação deve ser libertadora, que é aquela educação que “[...] não é um manual de habilidade técnica; é antes, porém, uma perspectiva crítica sobre a escola e a sociedade, o ensino voltado para a transformação social.” (FREIRE & SHOR 2011, p. 32).

Concordo com os autores, quando dizem que, enquanto seres humanos conscientes descobriremos o quanto somos condicionados pela ideologia dominante, e só poderemos nos libertar deste condicionamento através da luta política na sociedade. Para os pesquisadores, aprenderemos a ser livres estudando nossa privação de liberdade, disso resulta a dialética da sala de aula libertadora, que ilumina nossas atuais condições nos ajudando a superar as mesmas, pois,

[...] Além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra. [...] Todas as pedagogias têm uma forma e um conteúdo que estão relacionados com a sociedade, e todas têm relações sociais dentro das salas de aula que se relacionam com o poder de dominação [...] (*ibid.* p. 33).

Ao afirmar que a educação é um ato político, os pesquisadores alertam para a necessidade de os professores se questionarem acerca de seu posicionamento político, afinal de contas eles precisam ter consciência do tipo de política que estão fazendo, a favor e contra quem eles estão atuando.

Brilhantemente, os autores acreditam que, enquanto humanos conscientes, descobriremos o quanto somos condicionados pela ideologia dominante, e só poderemos nos libertar deste condicionamento através da luta política na sociedade. Eles complementam, afirmando que, para que haja o discurso libertador em sala de aula, a linguagem do professor não pode ser o único idioma válido na sala. A linguagem do professor importa, mas a dos alunos também. Nessa democratização da expressão, se estabelece uma atmosfera comum que encoraja os estudantes a falarem abertamente, permitindo a modificação da linguagem do professor e ao mesmo tempo, dos próprios alunos também. A atuação dos professores deve ser como janelas e caminhos, para que os alunos vejam suas próprias condições e vislumbrem um destino diferente. No dizer dos autores,

O rosto e a fala do professor podem confirmar a dominação, ou refletir possibilidades de realização. Se os estudantes veem e ouvem o desprezo, o tédio, a impaciência do professor, aprendem, uma vez mais, que são pessoas que inspiram desgosto e enfado. Se perceberem o entusiasmo do professor quando este lida com seus próprios momentos de vida, podem descobrir um interesse subjetivo na aprendizagem crítica. (FREIRE & SHOR 2011, p. 46)

Os pesquisadores ainda sugerem a necessidade de o processo de aprendizagem ser contextualizado a partir das reais condições de cada grupo de estudante, pois o ensino libertador não pode nem deve ser padronizado, ao contrário, deve ser uma “[...] ação criativa, situada, experimental, que cria as condições para a transformação, testando os meios de transformação.” (*ibid.* p. 51). Ainda segundo os pesquisadores, outro dado importante é que a prática de ensino libertadora é uma realidade onde tanto professores como os alunos são os aprendentes, os sujeitos cognitivos do processo, mesmo sendo distintos.

Sabidamente, Freire e Shor (2011) apresentam a crítica da educação libertadora como sendo aquela que supera o subsistema da educação, tornando-se a crítica da sociedade, pois

[...] não é a educação que modela a sociedade, mas, ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo os interesses dos que detêm o poder. Se é assim, não podemos esperar que a educação seja a alavanca da transformação destes últimos. Seria ingênuo demais pedir à classe dirigente no poder que pusesse em prática um tipo de educação que pode atuar contra ela. Se se permitisse à educação desenvolver-se sem fiscalização política, isso traria infindáveis problemas para os que estão no poder. Mas as autoridades dominantes não permitem que isso aconteça e fiscalizam a educação. (p. 66)

Portanto, afirmam ser tarefa do professor e daqueles que sonham com a reinvenção da sociedade denunciar a ideologia dominante e sua reprodução, além de ocupar o espaço das escolas e as instituições para desvendar a realidade ocultada pela ideologia dominante e seu currículo dominante, iluminando a realidade. Para os autores, esta é uma das principais tarefas da educação libertadora.

Sonhar com a reinvenção da sociedade não é tão simples assim, então:

Os professores deveriam ter nas mãos, através das próprias organizações, não só a defesa de seus salários, mas também o direito de ter melhores condições para o trabalho educacional. Em segundo lugar, os professores precisam conquistar o direito de prosseguir sua formação. Os professores, cujo sonho é a transformação da sociedade, têm de ter nas mãos um processo permanente de formação, e não esperar do *establishment* a formação profissional. Quanto mais um educador tem consciência dessas coisas, mais aprende da prática, e então descobre que é possível trazer para dentro da sala de aula, dentro do contexto do seminário, momentos de prática social. (FREIRE & SHOR 2011, p. 84-85).

Os autores orientam que o educador libertador deve ter consciência da importância de fazer um mapa ideológico da instituição onde atua ou irá atuar, fazendo uma espécie de pesquisa acerca do ambiente de trabalho: quem é o

diretor, os professores etc., a partir de então, é possível conhecer as pessoas com quem se pode contar naquele ambiente. É bom conhecer os pares, pois atuar sozinho leva ao fracasso, sendo o melhor caminho poder saber com quem se pode contar, pois “[...] a sensação de não estar sozinho diminui o medo”. (*ibid*, p. 104). Eles também criticam o currículo padrão que predomina no ambiente escolar

O currículo padrão, o currículo de transferência é uma forma mecânica e autoritária de pensar sobre como organizar um programa, que implica, acima de tudo, uma tremenda falta de confiança na criatividade dos estudantes e na capacidade dos professores! Porque, em última análise, quando certos centros de poder estabelecem o que deve ser feito em classe, sua maneira autoritária nega o exercício da criatividade entre professores e estudantes. O centro, acima de tudo, está comandando e manipulando, à distância, as atividades dos educadores e dos educandos. (p. 132)

E para superar essa problemática, os autores sugerem a urgência do desenvolvimento do rigor crítico de uma pedagogia que “[...] pede aos estudantes que *assumam sua própria direção*. O que significa se autogerir. Assim, a sala de aula libertadora também procura absorver os temas e os materiais dos *contextos sociais* que dirijam a atenção crítica à realidade.” (FREIRE & SHOR, 2011, p. 147). Neste contexto educacional, o professor democrático não pode deixar de ser uma autoridade ou de ter autoridade, pois a liberdade precisa de autoridade para se tornar livre. O fundamento da autoridade está na liberdade dos outros.

Freire & Shor realçam a importância do diálogo no ambiente escolar:

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse *fixa* do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto. (p. 170)

Além disso, o processo dialógico, por ser uma posição epistemológica, permite ao professor reaprender o conteúdo enquanto o estuda com seus alunos (FREIRE & SHOR, 2011). Portanto, o educador libertador deve valorizar as afirmações de seus alunos, sem intervenções, para não se opor à

denominação verbal que leva os estudantes a resistirem ao diálogo. “O silêncio do aluno é criado pelas artes da dominação. Os alunos não são silenciosos por natureza.” (*ibid*, p. 197).

Aos que acreditam que a educação por si só transforma a sociedade, os autores alertam:

[...] a educação sistemática e formal, apesar de sua importância, não pode ser, realmente, a alavanca de transformação da sociedade. Devemos compreender de modo dialético a relação entre a educação sistemática e a mudança social, a transformação política da sociedade. Os problemas da escola estão profundamente enraizados nas condições globais da sociedade, sobretudo no que diz respeito a essas questões de disciplina e alienação. (*ibid*, p. 215)

Eles também afirmam que os professores devem ser criticamente conscientes dos limites da educação, pois a educação permite alcançar coisas importantes para realizar a tão sonhada transformação social, ampliando os objetivos políticos e redirecionamento do trabalho pedagógico. Portanto, conhecer os limites da educação permite a compreensão de como a educação formal se relaciona com a sociedade, sem ser a principal alavanca da transformação, evitando otimismo ingênuo ou o desespero e ceticismo.

Os autores sugerem aos professores que aspiram pela educação libertadora ter em mente que: não devem idealizar a tarefa educacional; os alunos são capazes de saber e já sabem muitas coisas; devem reaprender o que acham que sabe, favorecendo que os alunos aprendem com os professores e entre eles mesmos; os alunos têm expectativas, níveis de percepção, linguagens próprias e dificuldade para entender a linguagem acadêmica; ser críticos a respeito do funcionamento da sociedade; e por fim, devem mudar à medida que se engajam no processo de mudança social. Freire & Shor (2011) afirmam que “É um erro separar a dinâmica global da mudança social da nossa prática educacional.” (p. 294).

Finalizo as contribuições dos autores para a problemática da formação docente, com a afirmação de que o educador para a liberdade deve ser o leitor da realidade, pois o professor:

[...] não é um leitor de *palavras*, mas leitor do *mundo*. Isto é, você está lendo a história que estamos fazendo a cada dia. Você a está compreendendo, a está apreendendo na medida em que você mesmo a está fazendo. Por favor, não diga mais que não está lendo. Você pode dizer que ainda não está lendo livros. Mas está lendo a história. (FREIRE & SHOR, 2011, p. 297).

Os professores devem “[...] diminuir a distância que foi estabelecida entre ler as palavras e ler o mundo.” (*ibid*, p. 297).

Ainda problematizando a formação docente, apresento as contribuições de Antônio Nóvoa e Henry A. Giroux. Segundo Giroux (1997), os professores devem atuar como intelectuais transformadores e:

Enquanto intelectuais, combinarão reflexão e ação no interesse de fortalecerem os estudantes com as habilidades e conhecimento necessários para abordarem as injustiças e de serem atuantes críticos comprometidos com o desenvolvimento de um mundo livre da opressão e exploração. Intelectuais deste tipo não estão meramente preocupados com a promoção de realizações individuais ou progresso dos alunos nas carreiras, e sim com a autorização dos alunos para que possam interpretar o mundo criticamente e mudá-lo quando necessário. (p. 29)

Giroux (*ibid.*) acredita que as escolas reproduzem a sociedade dominante, porém os espaços escolares podem educar os alunos para serem cidadãos críticos e ativos, transformando a escola num local instrucional e ao mesmo tempo cultural. Para tanto, é necessário romper com o modelo tradicional de formação docente que, simplesmente, forma técnicos e meros funcionários. Para o autor, formações desse tipo eliminam a possibilidade de participação democrática e relações sociais positivas. Então, para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica em forma de política cultural é necessário encarar alunos e professores como intelectuais transformadores.

[...] encarar os estudantes e professores como intelectuais representa uma demanda adicional por um discurso crítico que analise como as formas culturais acercam-se das escolas e como tais formas são experimentadas subjetivamente. Isto significa que os educadores críticos precisam compreender como as formas materiais e vividas de cultura estão sujeitas à organização política, isto é, como são produzidas e reguladas. (GIROUX, 1997, p. 136-137)

Para o autor, os professores devem ser encarados como intelectuais, pois toda atividade humana envolve alguma forma de pensamento. Eles “[...] devem ser vistos como homens e mulheres livres, com uma dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens.” (P. 161). Giroux problematiza, dizendo mais sobre a atuação dos professores:

[...] eles devem assumir um papel responsável na formação dos propósitos e condições de escolarização. Tal tarefa é impossível com uma divisão de trabalho na qual os professores têm pouca influência sobre as condições ideológicas econômicas de seu trabalho. Este ponto é uma dimensão normativa e política que parece especialmente relevante para os professores. Se acreditarmos que o papel do ensino não pode ser reduzido ao simples treinamento de habilidades práticas, mas que, em vez disso, envolve a educação de uma classe de intelectuais vital para o desenvolvimento de uma sociedade livre, então a categoria de intelectual torna-se uma maneira de unir a finalidade da educação de professores, escolarização pública e treinamento profissional aos próprios princípios necessários para o desenvolvimento de uma ordem e sociedade democráticas. Eu argumentei que, encarando os professores como intelectuais, nós podemos começar a repensar e reformar as tradições e condições que têm impedido que os professores assumam todo o seu potencial como estudiosos e profissionais ativos e reflexivos. Acredito que é importante não apenas encarar os professores como intelectuais, mas também contextualizar em termos políticos e normativos as funções sociais concretas desempenhadas pelos mesmos. Desta forma, podemos ser mais específicos acerca das diferentes relações que os professores têm tanto com seu trabalho como com a sociedade dominante. (p. 161-162)

Para Nóvoa (1999), os professores ocupam lugar especial nos percursos de ascensão social, se atuarem como agentes culturais e políticos. Porém, a expansão escolar e o aumento dos profissionais da educação, juntamente com as incertezas quanto à finalidade da escola e seu papel de reprodução cultural e formação de elites contribuem para a desprofissionalização docente.

Consequentemente, ocorre o mal estar que atinge os educadores: desmotivação, insatisfação profissional, indisposição frente a todos: colegas e alunos, ausência de reflexão crítica sobre sua atuação etc.

Ainda segundo o autor, para reencontrar novos valores profissionais, os professores devem atribuir sentido à ação presente e edificar normas de funcionamento e regulações profissionais, em oposição a enquadramentos administrativos dos sistemas de ensino. Para o cultivo da cultura profissional docente é necessário que esse profissionalismo seja embasado por regras éticas e prestação de serviços de qualidade. É necessário recriar a profissão professor.

Sacristán (1999) também evidencia a importância da formação docente ao dizer que:

Educar e ensinar é, sobretudo, permitir um contacto com a cultura, na acepção mais geral do termo; trata-se de um processo em que a própria experiência cultural do professor é determinante. Neste sentido, é importante repensar os programas de formação de professores que têm uma incidência mais forte nos aspectos técnicos da profissão do que nas dimensões pessoais e culturais. (p. 67)

Sacristán afirma que compreender o profissionalismo docente implica relacioná-lo com os demais contextos da prática educativa. Nesse contexto, o professor não define a prática e sim o papel que aí ocupa, pois é através de sua atuação que se propagam e concretizam as inúmeras determinações provenientes dos contextos em que participam. A essência da profissão docente está nesta relação dialética. Afirma, também, que:

O professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes. (p. 74)

A contribuição de Esteve (1999) para esta reflexão sobre a educação e formação de professores vem com sua afirmação de que:

O avanço contínuo das ciências e a necessidade de integrar novos conteúdos impõem uma dinâmica de renovação

permanente, em que os professores têm de aceitar mudanças profundas na concepção e no desempenho da sua profissão. É preciso evitar o desajustamento e a desmoralização do professorado, bem como o crescente mal-estar docente, pois um ensino de qualidade torna-se cada vez mais imprescindível. (p. 98).

Conforme o autor, é esperado que o professor cumpra todas as novas tarefas docentes, com maiores responsabilidades educativas, para atender às demandas sociais, porém não houve mudança significativa na formação dos professores. Isso sem falar nas novas fontes de informação alternativas, que forçam os professores a modificar sua atuação, deixando de apenas transmitir conhecimentos. Para tanto, “O professor enfrenta a necessidade de integrar no seu trabalho o potencial informativo destas novas fontes, modificando o seu papel tradicional”. (p. 101). Além disso,

O extraordinário avanço das ciências e a transformação das exigências sociais requerem uma mudança profunda dos conteúdos curriculares.

Não se trata apenas, como sempre se disse, de o professor estar em dia nas matérias que lecciona, para não transmitir conhecimentos desactualizados; mas, muito para além disso, no momento actual, o domínio de qualquer matéria torna-se muitíssimo difícil, ao ponto de afectar a confiança do professor. [...] O desejo de incluir novos conteúdos, que se apresentam como imprescindíveis para a sociedade do futuro, tem como limite a necessidade de seleccionar e de abandonar alguns dos conteúdos tradicionalmente transmitidos pelas instituições escolares. Não é estranho que os professores manifestem receios, insegurança e desconfiança perante as mudanças dos conteúdos curriculares. Alguns opõem-se à mudança por preguiça, numa atitude imobilista, pois não estão dispostos a abandonar matérias que sempre ensinaram. Outros encaram com receio as mudanças curriculares, temendo que se acabe por descurar o estudo das humanidades, convertendo o sistema de ensino num servidor submisso das exigências económicas e profissionais do sistema de produção. O bom funcionamento do sistema de formação permanente dos professores deve garantir uma compreensão adequada dos objectivos e das reformas curriculares, evitando, com o número suficiente de cursos de reciclagem, a desinformação e a insegurança dos professores perante as mudanças que se projectam. (p. 106)

Para por fim ao desajustamento e mal estar docente, Esteve (1999) sugere que a sociedade reconheça e apoie o trabalho dos professores. Também é necessário redefinir seu papel e nesta nova situação é preciso modificar os sistemas de ensino para que tenham flexibilidade para se ocupar dos estudantes com seus problemas reais, mas com qualidade. Para tanto, urge a flexibilização do currículo, aumento de recursos materiais e humanos.

Já a crítica de Cavaco (1999) está no fato de o ensino formal ter herdado o fechamento à diversidade, o elitismo, submissão aos formalismos sociais e acadêmicos. Sob essa influência, os sistemas de ensino se adaptam mal à modernidade, à necessidade de ampliar a formação para todos e a dificuldade em gerir novos saberes, o que gera a massificação, regularidade e conformismo.

1.3 Formação de Professores e Mídias Digitais

Após tratar da problemática da formação docente, apresento pesquisadores que auxiliarão na compreensão da formação docente para o uso educacional das TDIC. Início a discussão com um documento importante para a educação nacional, o Documento Final da Conferência Nacional de Educação (CONAE 2010) sob a interpretação de Zuin (2010).

Para o autor, as inovações tecnológicas em curso na globalização das mídias eletrônicas implicam em adequações diferenciadas na sociedade contemporânea, além da ressignificação de conceitos importantes como infância, juventude, velhice, família, inclusão e exclusão social que remodelam sociedades e identidades no mundo. Nesse contexto de novos processos sociais, surgem novos tipos de desigualdades que se agregam aos já existentes, evidenciando ainda mais as diferenças sociais e econômicas vigentes. Deste contexto, surge uma marcante contradição, pois “[...] o uso das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) pode

enveredar tanto para o recrudescimento do poder e controle social, quanto para o reforço de práticas democráticas.” (ZUIN, 2010, p. 963).

Zuin, reconhecendo a importância do exercício crítico acerca das potencialidades do uso das tecnologias no campo educacional, reflete o modo como as TIC foram consideradas no documento final da Conferência Nacional de Educação (CONAE 2010), cujos apontamentos serviram para elaborar o Plano Nacional da Educação (PNE) 2011-2020. Conforme o autor, os objetivos do Sistema Nacional de Educação (SNE), ao abordar as TIC no Documento da CONAE, se refere a seus aspectos técnicos, com a ausência da ressignificação que as novas tecnologias determinam na infância, na inclusão e exclusão social e nos processos educativos, evidenciando o modo como “[...] as influências das TIC são superficialmente mencionadas e refletidas no texto daquele documento [...]” (ZUIN, 2010, p. 964). O autor justifica essa superficialidade no tratamento das TIC no fato de que as transformações provocadas pelo desenvolvimento das forças produtivas no âmbito tecnológico ocorrem a tal velocidade que dificulta a reflexão mais elaborada sobre o processo. Para Zuin, é insuficiente definir a tecnologia como somatória de novas técnicas operacionais, são uma espécie de *modus vivendi*, um processo social que reconfigura a identidade dos indivíduos.

No Documento-Referência da CONAE, o autor encontra pertinentes considerações acerca do uso educacional das TDIC, porém não encontra uma reflexão mais elaborada sobre como incorporar estas tecnologias no atual processo educacional, predominando no documento, a ênfase nos aspectos técnicos e instrumentais das tecnologias. O texto da CONAE apresenta a discussão sobre a política de formação e valorização dos professores, e seu principal destaque sobre a relação entre as TIC e a educação é sobre a educação a distância (EAD). No tocante à EAD, o pressuposto básico no Documento da CONAE evidencia a diferença qualitativa que há entre o processo de ensino e aprendizagem presencial e a distância, pois existem mais dificuldades para acompanhar as avaliações do ensino a distância, se comparadas ao ensino presencial.

Zuin encontra a valorização do domínio das TIC por parte dos professores no ambiente escolar, considerando a relevância do controle das tecnologias na ampliação do capital cultural dos agentes educacionais em seu processo de formação inicial e continuada no Documento da CONAE, mas o autor acredita que as ações contempladas não são suficientes, pois

A reflexão crítica sobre esse processo de fetichização tecnológica precisa ser fomentada de todas as formas. Na leitura do Documento-Referência da CONAE, percebe-se, em alguns momentos, a presença de uma linha argumentativa que menciona a necessidade do incentivo a essa reflexão crítica por parte dos profissionais da educação, embora se possa observar também uma postura um tanto quanto periférica sobre a discussão da relação entre a educação e a tecnologia, haja vista o fato de que tal relação não adquiriu a condição de eixo temático do documento. (ZUIN, 2010, p. 977)

O autor finaliza, afirmando que as políticas públicas educacionais devem incorporar a necessidade de discussão sobre a forma como as tecnologias ressignificam as teorias e práticas pedagógicas e os processos de construção de identidade dos professores. Deve haver autorreflexão sobre o modo como os atores do processo educacional se aferram à condição de objetos, ao invés de assumirem a condição de sujeitos na ação educativa, as quais são cada vez mais mediadas pelas TIC.

A contribuição de Pesce (2010) ao presente trabalho elucida “[...] a coexistência de distintas concepções de conhecimento nas práticas educacionais. Concepções que ancoram diversas percepções de educação, de homem e de professor que se pretende formar.” (p. 259). A autora, amparada por Oliveira *et al* (2001), aponta que os programas de formação docente *online* pautados no empirismo desconsideram os conhecimentos prévios do seu público alvo; restringem a formação à dimensão didático-metodológica desarticulada dos fundamentos ontológicos da educação; as atividades são voltadas à construção de competências e habilidades; e não valorizam as trocas intertextuais dos atores envolvidos. Já os programas pautados no Interacionismo (acepção construtivista e sócio-histórica) e a Via da Complexidade, que devem predominar no processo formativo, exaltam os intertextos na construção de sentidos e constituição da identidade dos sujeitos

em formação. Pesce (*ibid*) considera que a “A relevância dos aspectos sociais na constituição do sujeito situa-se como atitude primordial aos programas de formação *online* de educadores.” (p. 259)

Valente (2002) também contribui para a problematização acerca da incorporação das TDIC ao processo educativo. Para o autor, a intencionalidade da ação pedagógica do professor é que vai determinar se a abordagem do uso das tecnologias em sala de aula será para fornecer informação (visão instrucionista do processo de ensino-aprendizagem) ou ser usada na elaboração de atividades que irão ajudar o aluno na construção de seu conhecimento (visão construcionista). O autor enfatiza o aspecto potencial do uso das TDIC na prática pedagógica, pois depende da intenção do professor haja vistas que a presença do computador em si não é garantia para que o aluno construa conhecimento, para isso o professor deve saber explorar os potenciais educacionais fornecidos pelas tecnologias e criar situações para que o aluno possa significar e compreender as informações, construindo novos saberes. Porém, Valente lamenta que as tecnologias sejam utilizadas na educação, na maioria dos seus usos, apenas para complementar e subsidiar os processos de transmissão de conhecimento tradicionalmente difundidos nas escolas.

Brito (2006) auxilia este presente trabalho ao alertar que para se falar em formação do professor para o uso das TDIC faz-se necessário refletir sobre o tipo de educação tratado e para que tipo de sociedade,

É evidenciar que educadores se formam na prática acadêmica, na vida em sociedade e no diálogo constante em sala de aula, é destacar que a prática docente define a visão de tecnologia que por sua vez define o envolvimento dos docentes com o questionamento da tecnologia como prática da construção de sua formação na sociedade. (p. 01)

Conforme a pesquisadora, as novas tecnologias fomentaram novos modos de transmitir, receber e conservar a informação. Portanto, as influências das transformações tecnológicas devem ser consideradas, e muito, na cultura vigente em suas várias dimensões. Porém, quando o assunto “tecnologia e educação” é tratado nos processos de formação, as discussões sobre o

conceito de tecnologia são superficiais, causando confusões que podem ser traduzidas na grande distância entre o discurso e a prática dos resultados dos cursos de formação que, predominantemente, se referem ao uso do computador na escola.

Brito (*ibid.*) considera imprescindível que os professores sejam preparados desde a graduação para um trabalho efetivo com as tecnologias. Portanto, para além de instrumentalizados, eles deverão ter em mente como o conceito de tecnologias supera os meros equipamentos, que geralmente são aliados ao conceito simplificado de inclusão digital. Esta inclusão deve ser considerada na perspectiva da participação ativa, que implica em ação e vontade política onde professores devem ser tratados como agentes promotores de processos educativos com a finalidade de dar à população a oportunidade de participar dessa dinâmica atual como sujeitos críticos, criativos e autônomos; em amplo programa de formação continuada para os docentes.

Para que o professor seja considerado incluído,

[...] é necessário que o professor entenda a tecnologia como um instrumento de intervenção na construção da sociedade democrática contrapondo-se a qualquer tendência que a direcione ao tecnicismo, a coisificação do saber e do ser humano. (BRITO *ibid.* p. 16)

Soares (2002) embasa este trabalho com conceitos oriundos da nova modalidade de leitura e escrita característica da cultura da tela, ou cibercultura, haja vistas que a sociedade atual está vivendo novas práticas de leitura e de escrita graças às novas tecnologias de comunicação. Destas novas práticas resultam a escrita digital e seu novo espaço de escrita: a tela do computador, resultando em novas modalidades de letramentos. A pesquisadora fundamenta-se na concepção de letramento como

[...] o *estado* ou *condição* de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento. (p. 145)

No artigo, Soares (*ibid.*) usa letramento no plural, *letramentos*

[...] para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes *espaços de escrita* e diferentes *mecanismos de produção, reprodução e difusão de escrita* resultam em diferentes *letramentos*. [...] letramento é fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo. (p. 156)

A seu turno, Bonilla (2010) faz críticas pertinentes aos projetos e programas do governo para a inclusão digital das escolas, com iniciativas que ora visam abastecer as escolas com computadores ora visam conectar as escolas à internet. Não que as iniciativas não sejam válidas, mas o problema é a falta de continuidade destas políticas, que ficam a mercê de novos governos e/ou políticas de governos; as condições reais das escolas para elaborarem seus projetos pedagógicos incorporados às TIC; sem falar na capacitação dos professores, efetivadas em cursos a distância para docentes sem familiaridade com ambientes digitais; falta de integração das políticas (conexão, infraestrutura, equipamentos, formação de professores etc.). Ou seja, a diversidade de projetos e programas voltados à ampliação do uso das tecnologias digitais nas escolas, desenvolvidos pelos governos, não tem possibilitado avanços no campo da cultura digital, pois as ações tem pouca ou nenhuma articulação entre si e tratam a problemática da formação dos professores como treinamentos aligeirados com vistas à preparação técnica para o uso de computadores. Deste contexto resulta a velha prática pedagógica, mas agora com o uso das tecnologias:

[...] conectadas, com laboratórios, e limitando o trabalho à oferta dos famosos cursinhos de informática, ou às pesquisas na internet, práticas já difundidas e que não requerem envolvimento dos professores [...] as escolas estarão conectadas mas o sistema educacional, em última instância, pode permanecer o mesmo: hierárquico, vertical, centralizado de forma exagerada. *Uma velha escola velha*, com cara de moderna. (p 49)

Bonilla e Pretto (2015) alertam que “[...] ações, sem continuidade e conectividade com a realidade local de cada escola, terminam desqualificando a ideia de uso das tecnologias digitais como elementos estruturantes da cultura digital.” (p. 508).

As políticas públicas para a inclusão digital nas escolas devem superar a perspectiva instrumental, ampliando-se a vivência plena da cultura digital. BONILLA (2010) acredita que promover a iniciação da população no uso das TDIC, na chamada alfabetização digital, é válido, mas é preciso discutir como tais abordagens contribuem para que os indivíduos se articulem nas dinâmicas sociais contemporâneas para gerar as transformações necessárias às demandas sociais, culturais e políticas. A escola deve estar presente neste contexto, porém a articulação mais efetiva entre escola e demais espaços públicos de acesso não são estimulados nem propostos pelas políticas públicas. Conseqüentemente, os projetos de inclusão digital e educação resumem-se à realização de atividades escolares (pesquisas) reforçando a perspectiva do consumo de informações, perpetuando as dinâmicas já instituídas nas escolas, que constantemente são criticadas. Em contraposição a estas dinâmicas, Bonilla (2010) sugere que é preciso:

[...] ultrapassar a ideia de uso das TIC como ferramenta de capacitação para o mercado de trabalho, através de cursos técnicos para a população de baixa renda, ou então como meras ferramentas didáticas para continuar ensinando os mesmos conteúdos na escola, espaços onde normalmente é proibido o acesso a salas de bate-papo, jogos, comunidades virtuais e a uma outra variedade de sites. Enquanto isso acontece nos espaços de acesso público, os filhos das famílias com melhor poder aquisitivo estão explorando ampla e livremente os ambientes digitais, vivenciando a cultura, a interatividade, a produção colaborativa, a partir de seus computadores pessoais, em casa. (p. 42)

Bonilla e Pretto (2015) tratam de um termo importante que deve ser considerado nas propostas de integração das TDIC às práticas pedagógicas, é a cultura digital, que assim deve ser entendida:

[...] não apenas como o uso de equipamentos e produtos, mas fundamentalmente “processos comunicacionais, de experiência, de vivências, de produção e de socialização

dessas produções, numa perspectiva multidimensional e não-linear” (SAMPAIO; BONILLA, 2012, p. 101 *apud* BONILLA; PRETTO, 2015, p. 502) [...] o que implica processos formativos amplos, provocadores de novas aprendizagens, de colaboração, de autoria, tanto por parte dos alunos como dos professores, responsáveis pela formação da juventude. (p. 502)

As atuais discussões sobre inclusão digital consideram as questões culturais e educacionais, porém superficialmente, com a ausência da perspectiva da produção de conteúdos, da colaboração, autoria e coautoria, dos sujeitos no mundo digital. Ou seja, desconsiderando a dimensão cultural das TDIC. (BONILLA, 2010).

1.4 Educação e a Geração Y

A cultura é uma prática cotidiana que envolve sujeitos e relações sociais arraigadas de tensões, conflitos, mudanças e inovações. As alterações na técnica e modos de produção vinculam transformações nos modos de percepção e de experiência social, alterando, assim, as experiências culturais OLIVEIRA (2005). Segundo a autora, a sociedade atual está sob o domínio da cultura tecnológica – Cibercultura, e essa influência transforma “[...] os modos de experimentar as identidades e os pertencimentos ao território, principalmente dos jovens” (p. 499). Nesse cenário, destaca-se a suscetibilidade dos jovens às aceleradas transformações sociais, alterando o cotidiano dos mesmos dentro de suas famílias.

Dado o protagonismo dos jovens frente às inovações tecnológicas com seus novos modos de ser e estar em sociedade, falarei de “Geração Y” com o enfoque de OLIVEIRA *et al* (2012), que considera *coortes* históricas e memórias coletivas para tratar de geração. Portanto, aqui é entendido que o comportamento das gerações está ligado à cultura dos indivíduos e depende do momento socioeconômico e histórico em que se desenvolve. Conforme o pesquisador,

O conceito de Geração ressalta que o aspecto cronológico é apenas um dos itens que deve ser considerado na delimitação de uma geração, sendo importante que se incorpore a ideia de

classe, de contexto histórico, de vivências comuns e de relações familiares e intergeracionais. O conceito de juventude mostra que os indivíduos em um mesmo grupo etário quase nunca formam uma identidade única, sendo necessário que se trate de juventudes, e não de um grupo único e homogêneo. [...] Considerar que todos os jovens que nasceram em determinado período pertencem a um único grupo como tem sido caracterizada a Geração Y é esquecer as diferenças regionais e desigualdades sociais da juventude brasileira. Alguns poderiam se enquadrar neste perfil, mas trata-se de uma minoria frente à grande parte de jovens que, apesar da existência de redes sociais, *internet*, enfim, tecnologias que deveriam aproximá-los deste modelo, por vezes, reforçam a distância que se pretende eliminar. A juventude, portanto, não é um grupo único, sendo formado por uma diversidade de grupos que trazem consigo particularidades regionais, étnicas e culturais. As juventudes brasileiras são diversas, sendo necessária conhecê-las para dar a correta dimensão do grupo que se está analisando. (*ibid.* p. 555)

Assim sendo, o conceito de geração deve ser contextualizado, levando em consideração os aspectos históricos e sociais que marcam a sociedade, caso contrário, permanecendo as generalizações que tratam de parcela restrita da população, permanecerá a reprodução das desigualdades sociais que marcam o país OLIVEIRA (*ibid.*).

O termo que usarei para tratar de geração foi adotado por pesquisadores da área da administração e divulgado nas mídias de negócios, essa nova geração a chamada “Geração Y” (VELOSO; DUTRA, 2008; VASCONCELOS *et al.*, 2010; POUGET, 2010 *apud* OLIVEIRA *et al.* 2012) é a que está presente nas escolas atualmente. Portanto, atentarei a ela.

Os jovens desse milênio são influenciados pela revalorização cognitiva da visualidade e da oralidade, fragilizando as representações sustentadas pela cultura letrada (Oliveira 2005). Ainda segundo a autora,

Nestas tecnologias – com sua narrativa imagética, suas sonoridades, fragmentação e velocidade -, os jovens vão buscar sua forma de expressão e seu ritmo. A simultaneidade e o fluxo contínuo transformam-se em modos de expressão, criação e comunicação que encontram nas populações juvenis o campo mais fértil para o seu desenvolvimento. (p. 500)

O quadro abaixo, fornecido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), resume o comportamento e principais características de cada geração.

Quadro 1 – Entendendo as Gerações

VETERANOS	BOOMERS	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y
Nascidos entre 1922 e 1945	Nascidos entre 1945 e 1965	Nascidos entre 1965 e 1977	Nascidos entre 1977 e 2000
Cresceram entre duas guerras mundiais e foram educados para a disciplina rígida e o respeito às hierarquias. O amor é um valor absoluto.	Otimistas em relação à mudança do mundo político, viveram uma fase de engajamento contra ditaduras e poderes tiranos.	Céticos e politicamente apáticos, refletem as frustrações da geração anterior e assumem a posição de expectadores da cena política.	Otimistas em relação ao futuro e comprometidos em mudar o mundo na esfera ecológica. Têm senso de justiça social e se engajam no voluntariado.
No trabalho, valorizam o comprometimento e a lealdade.	<i>Workaholics</i> , valorizam o status e o crescimento profissional. São políticos, formam alianças para atingirem seus objetivos.	Gostam da informalidade no trabalho e buscam o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal.	São extremamente informais, agitados, ansiosos e impacientes e imediatistas. Acompanham a velocidade da internet.
Como consumidores, evitam parcelamento e privilegiam as compras à vista. Investem de forma	São responsáveis pelo estilo de vida que se tem hoje, de conquistas materiais, como casa, carro e acesso ao entretenimento.		Tecnologia e diversidade são coisas naturais na vida. Usam todos os recursos do celular e precisam estar

conservadora, sem riscos.			conectados.
Acreditam na lógica e não na magia. Têm religião, mas sem superstição.	Necessitam de justificativas profundas e estruturadas para tomar decisões.	Trabalham com entusiasmo quando possuem foco definido e têm necessidade de <i>feedback</i> .	Vivem com sobrecarga de informações, dificultando a correlação de conteúdos.

Fonte: PUC/SP <http://www.pucsp.br/estagios/entendendo-geracoes-veteranos-boomers-x-e-y> (acesso em 11 de julho de 2016, adaptado pela pesquisadora.)

No próximo capítulo, apresento a metodologia utilizada no presente trabalho, assim como mais detalhes do objeto de investigação, a Revista Nova Escola, bem como a análise documental, com os achados da pesquisa.

CAPÍTULO 2

2.1 Movimento Metodológico

Conforme Pesce e Abreu (2013), o conhecimento é uma construção histórica e não existe uma verdade única no âmbito da Ciência, sobretudo nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. As autoras evidenciam: a coexistência de diversas abordagens metodológicas de pesquisa, a depender da subjetividade do pesquisador; que enquanto prática social, a investigação no campo da Educação demanda uma abordagem epistemológica que cientificamente compreenda os fenômenos específicos da educação. Embasada por Pesce e Abreu (*ibid.*) no presente trabalho utilizei a abordagem qualitativa.

Como já dito anteriormente, analisar dados qualitativamente significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, organizando-o e dividindo-o em partes, relacionando essas partes na busca de identificar tendências e padrões relevantes (LUCKE & ANDRÉ, 1986). São características da abordagem qualitativa, conforme Bogdan & Biklen (1994):

1. A fonte direta de dados é o ambiente natural, sendo o investigador seu principal instrumento: os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação obtida através do contato direto.
2. É descritiva: os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens, não de números.
3. Seus investigadores se interessam mais pelo processo do que pelos resultados: foco no modo como as definições se formam.
4. Os dados são analisados de forma indutiva: as abstrações são construídas à medida que os dados recolhidos se agrupam.
5. O significado é imprescindível: há interesse nas perspectivas participantes, no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

Quanto à tipologia, esta pesquisa será exploratória, pois pretendo aperfeiçoar minhas ideias acerca das principais tendências e abordagens da Revista *corpus de análise*, quanto ao uso educacional das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Para tanto, analisarei as publicações mensais da Revista Nova Escola, no período de 2006 a 2010.

No presente trabalho, utilizarei a análise documental como método de recolha de dados da presente investigação qualitativa. Conforme Silva *et al.* (2009), a abordagem qualitativa do método enfatiza “[...] a importância das informações que podem ser geradas a partir de um olhar cuidadoso e crítico das fontes documentais.” Segundo Bravo (1991) *apud* Silva *et al.* (2009) (p. 4556), “[...] são documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver.” Sendo assim, a pesquisa documental viabiliza a investigação não em sua interação imediata, mas indiretamente, através do estudo dos documentos produzidos pelo homem, revelando sua subjetividade e compreensão de fatos sociais. (SILVA *et al.*, 2009).

Pautada nas contribuições dos autores acima mencionados, realizarei a análise documental das publicações mensais da Revista Nova Escola no recorte de 2006 a 2010, em complemento à pesquisa de outra monografia, que analisou o recorte temporal de 2011 a 2015, com vistas a investigar a abordagem da revista *corpus e análise* quanto à temática relativa às interfaces entre educação e tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC).

Dentro do recorte temporal, analisarei as edições de número 189 a 238, totalizando 50 revistas, que foram estudadas a fim de analisar apenas as publicações relacionadas ao campo Educação e Tecnologias, para que posteriormente, as revistas pudessem ser analisadas ano a ano com base em duas categorias correspondentes às tendências do uso educacional das TDIC:

- a) *Permanências e mudanças*: nessa categoria, as publicações foram analisadas a partir da contribuição de Edméa Santos (2010), que trata do painel histórico da informática educativa no Brasil.

- b) *Abordagens de uso Educacional das TDIC*: nessa categoria, analisamos o tipo de abordagem utilizada, pautada nas abordagens construcionista e instrucionista propostas por Valente (2002), a partir dos estudos de Papert (1994) e culturalista, defendida por Bonilla e Pretto (2015).

2.2 Contextualização do Objeto de Investigação

Como já dito anteriormente, escolhi a Revista Nova Escola pelo fato de a mesma ser um periódico de grande circulação e prestígio entre profissionais da educação básica; por seu acesso livre e democratizado, já que seu material impresso é disponibilizado no site² da revista; pela sua popularidade (acredito que esteja presente em boa parte das escolas brasileiras); além de considerar que a revista traduz pesquisas da área educacional em narrativas próximas ao jargão utilizado pelos profissionais da educação básica.

Em 1950, o empresário nova iorquino filho de italianos Victor Civita fundou o que considerava ser o maior grupo editorial do Brasil: a Editora Abril. Já em 1985, criou uma fundação privada de direito público focada na melhoria da Educação, a Fundação Victor Civita, entidade sem fins lucrativos, mantida pela família Civita com a finalidade de apoiar o trabalho de professores, gestores escolares e formuladores de políticas públicas da Educação Básica Brasileira.

Victor sonhava em criar uma revista que chegasse a todas as professoras brasileiras e que ajudasse na tarefa de educar. A editora lançou dois títulos com esse foco (Escola, em 1972 e Professora Querida, em 1983), mas as publicações davam prejuízos e foram descontinuadas com poucas edições. Em março de 1986 foi lançada a revista Nova Escola, cujos objetivos eram: fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho de seu trabalho; valorizá-lo; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verificava no país; e propiciar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as

² <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-impresas/>

professoras de 1º grau (expressão utilizada na LDB de 1971, equivalente aos anos iniciais do ensino fundamental).

Para auxiliar a formação e atuação destes profissionais, a Fundação mantida pela Editora Abril, produz o que considera ser a maior revista de Educação do Brasil e os sites com o mais completo banco de dados sobre a prática docente no país, contribuindo para a melhoria do trabalho dos professores na sala de aula. Mensalmente, a revista traz práticas educacionais bem sucedidas e os conteúdos considerados mais relevantes por seus idealizadores.

A periodicidade da revista é mensal, porém não circula nos meses de julho e dezembro e, conforme dados do portal de publicidade do grupo abril ³, sua circulação média é:

Assinaturas: 379.916

Tiragem: 583.851

Avulsas: 30.020

Circulação líquida: 909.936

A revista é estruturada em quatro partes específicas: *Capa, Seções, Sala de aula e Reportagens*.

A *Capa* apresenta o tema da grande reportagem do mês.

Na parte denominada *Seções*, temos a seguinte divisão: *Caro Educador, Caixa Postal, Online, Na Dúvida?, O X da Questão, Fala, Mestre!, Em Dia, Retrato, Estante, Gestão em Foco, Pense Nisso*.

A *Sala de Aula* apresenta blocos de reportagens com todas as disciplinas para apresentar boas práticas em sala de aula, dando exemplos de como as didáticas específicas podem ser trabalhadas pelo seu público alvo.

³ Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/novaescola/revista/informacoes-gerais>

As *Reportagens* sugerem boas práticas pedagógicas, formação docente, políticas públicas, resultados de pesquisas relevantes e as problemáticas que envolvem o processo educativo.

A Revista Nova Escola já está na sua ducentésima nonagésima terceira edição (293º) e, como já dito acima, todo o conteúdo está disponível na internet, no site da revista, além de conteúdos extras como vídeos, blogs e colunas, jogos, grandes temas, recursos de formação para professores e alunos, relacionados aos temas de cada revista.

Anualmente, são publicadas dez edições, que ultimamente são divididas nos meses de Dezembro e Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho e Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro.

O item seguinte procede à análise documental, com a sistematização dos achados da pesquisa em quadros, gráficos e tabelas.

2.3 Análise Documental

Analisei 10 (dez) revistas referentes ao ano de 2006. Dentre elas, 01 (uma) apresenta temas relacionados ao campo da educação e tecnologia.

Quadro 2 – Publicação relacionada a educação e tecnologia no ano de 2006.

	Título de matéria	Autor (es)	Edição	Índice	Tipo de matéria	Mês de publicação
1.	Tecnologia ao alcance de todos	Débora Menezes	195	Capa	Reportagem	Setembro

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Com relação à primeira categoria de análise, (Permanências e Mudanças), a matéria da edição 195, referente ao mês de setembro, evidencia

que a tecnologia está ao alcance de todos e que aos poucos os computadores se incorporam à rotina escolar. A reportagem convida os docentes a repensar suas práticas e apresenta casos reais de uso das TDIC na prática pedagógica que vão dos primeiros passos até voos mais altos no mundo digital, com atividades com jogos *online*, ferramentas da internet para desenvolver programas de rádio, blogs.

O quadro a seguir ilustra a análise e observações feitas a partir da matéria publicada no ano de 2006.

Quadro 3 – Resultados da análise na categoria de *Permanências e Mudanças* referentes às matérias de 2006.

	Título da matéria	Primeira fase da internet	Segunda fase da internet: Web 2.0
1.	Tecnologia ao alcance de todos		X

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Quadro 4 - Resultados da análise na categoria de *Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia* referentes à matéria de 2006.

	Título da matéria	Construcionista	Instrucionista	Culturalista
1.	Tecnologia ao alcance de todos	X		X

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando as características da reportagem, e tendo como base a segunda categoria de análise *Abordagens do Uso Educacional das Tecnologias*, percebo que ela se aproxima da abordagem construcionista, pois as atividades práticas desenvolvidas com jogos *online*, blogs e programas da internet para o desenvolvimento de programas de rádio e/ou para comunicar-se fomentam a elaboração de atividades que ajudam os alunos na construção do

conhecimento; e da abordagem culturalista, por incluir na rotina escolar a vivência da cultura digital através das atividades propostas.

Analisei 10 (dez) revistas referentes ao ano de 2007. Dentre elas 01 (uma) apresenta temas relacionados ao campo da educação e tecnologia.

Quadro 5 - Publicação relacionada a educação e tecnologia no ano de 2007.

	Título de matéria	Autor (es)	Edição	Índice	Tipo de matéria	Mês de publicação
1.	Inclusão digital: cada aluno (e professor) com seu laptop	Paulo Araújo	203	Reportagens	Reportagem	Junho/julho

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Com relação à primeira categoria de análise, (Permanências e Mudanças), a matéria da edição 203, referente aos meses junho/julho, é uma reportagem que trata de uma escola gaúcha que testa um projeto modelo que servirá de base para o governo federal planejar a viabilidade de distribuir um laptop para cada estudante, trata-se do Programa Um computador por aluno (UCA). Após quatro meses da implantação do projeto aconteceram algumas mudanças: segundo os profissionais da instituição, estudantes ficaram mais interessados pela escola, as carteiras enfileiradas deram lugar a pequenos grupos de alunos e as atividades ganharam um planejamento mais dinâmico, com o uso redes sociais, softwares para desenvolver conceitos importantes, pesquisas.

Quadro 6 – Resultados da análise na categoria de *Permanências e Mudanças* referentes à matéria de 2007.

Título da matéria	Primeira fase da internet	Segunda fase da internet: Web 2.0

1.	Inclusão digital: cada aluno (e professor) com seu laptop		X
----	---	--	---

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Quadro 7 - Resultados da análise na categoria de *Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia* referente à matéria de 2007.

	Título da matéria	Construcionista	Instrucionista	Culturalista
1.	Inclusão digital: cada aluno (e professor) com seu laptop	X		X

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando as características da reportagem, e tendo como base a segunda categoria de análise *Abordagens do Uso Educacional das Tecnologias*, percebo que ela se aproxima da abordagem construcionista, pois o projeto permite a participação ativa dos alunos, possibilitando a construção do crescimento e ressignificação dos conhecimentos prévios; e culturalista, pois, há convergência de linguagens e mídias aliadas às possibilidades da conectividade.

Analisei 10 (dez) revistas referentes ao ano de 2008. Dentre elas, 04 (quatro) apresentam temas relacionados ao campo da educação e tecnologia.

Quadro 8 - Publicações relacionadas a educação e tecnologia no ano de 2008.

	Título de matéria	Autor (es)	Edição	Índice	Tipo de matéria	Mês de publicação
1.	Tecnologia soluções aprovadas	Gisela Blanco	211	Reportagens	Reportagem	Abril
2.	Cyber-bullying	Ana Rita Martins	212	Reportagens	Reportagem	Mai

	massacre virtual					
3.	Tecnologia o melhor do computador	Ana Rita Martins	215	Reportagens	Reportagem	Setembro
4.	Robótica sem usar o computador	Beatriz Santo-mauro	217	Sala de aula	Reportagem	Novembro

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Na primeira matéria do ano, na edição 211, de abril, a reportagem “*Tecnologia: soluções aprovadas*” apresenta a história de educadores que, sozinhos ou com ajuda de amigos, encontram soluções na própria rede mundial de computadores e fizeram uma revolução na vida dos jovens em lugares onde micros ainda são raridade. Mesmo sem computadores na escola, esses professores incluem a informática no planejamento, favorecendo o ensino e a aprendizagem. Os alunos usam *lan houses* para desenvolver atividades que envolvem jogos virtuais, formulários e provas *online*, compartilhamento de informações em páginas na internet e rádio virtual.

Na segunda matéria, na edição 212, de maio, a reportagem “*Cyberbullying: massacre virtual*” trata do comportamento de adolescentes que usam a internet para agredir professores. As frases destrutivas publicadas na internet com a finalidade de humilhar e ridicularizar docentes é uma preocupação de educadores que há tempos buscam maneiras de evitar tais manifestações entre os jovens, com a diferença de que agora eles são as vítimas. O mundo virtual facilita a publicidade de imagens e comentários depreciativos através de blogs, fotologs e sites de relacionamento de forma anônima ou assumindo a autoria.

Na terceira matéria, na edição 215, de setembro, a reportagem “*Tecnologia: o melhor do computador*” evidencia que só ter equipamentos na escola não basta e apresenta o que ajuda no aprendizado e o que serve apenas para agradar aos pais. O incentivo à interação vem através de blogs,

emails e fóruns, jogos virtuais, programas de vídeo e animações, além de salas de bate papo.

Na quarta matéria, na edição 217, de novembro, a reportagem “*Robótica sem usar o computador*” sugere experiências que usam sucata e peças de brinquedos para substituir a informática e levar turmas do 8º e 9º ano a entender o funcionamento das máquinas, evidenciando que o uso de tecnologia sofisticada não é indispensável para apresentar o assunto aos alunos.

Quadro 9 – Resultados da análise na categoria de *Permanências e Mudanças* referentes às matérias de 2008.

	Título da matéria	Primeira fase da internet	Segunda fase da internet: Web 2.0
1.	Tecnologia soluções aprovadas		X
2.	Cyberbullying massacre virtual		X
3.	Tecnologia o melhor do computador		X
4.	Robótica sem usar o computador	X	

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Quadro 10 - Resultados da análise na categoria de *Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia* referentes às matérias de 2008.

	Título da matéria	Construcionista	Instrucionista	Culturalista
1.	Tecnologia soluções aprovadas	X		X

2.	Cyberbullying massacre virtual	X		X
3.	Tecnologia o melhor do computador	X		X
4.	Robótica sem usar o computador	X		

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando as características das reportagens do ano, e tendo como base a segunda categoria de análise *Abordagens do Uso Educacional das Tecnologias*, percebo que, das quatro matérias publicadas, todas se aproximam do construcionismo, pois suas dinâmicas visam a conscientização dos envolvidos no processo, permitindo a ressignificação dos saberes, fomentando o diálogo e participação ativa dos atores dos processos; destas, apenas uma matéria não se aproxima do culturalismo, a quarta matéria: “*Robótica sem usar o computador*”, que apesar de permitir o uso da técnica no processo, não abarca as tecnologias sofisticadas, tão presentes na cultura digital. As demais matérias permitem aos envolvidos as vivências da cultura contemporânea no espaço escolar.

Analisei 10 (dez) revistas referentes ao ano de 2009. Dentre elas, 06 (seis) apresentam temas relacionados ao campo da educação e tecnologia.

Quadro 11 - Publicações relacionadas a educação e tecnologia no ano de 2009.

	Título de matéria	Autor (es)	Edição	Índice	Tipo de matéria	Mês de publicação
1.	Idioma que vem da web	Beatriz Santo- mauro	220	Sala de aula língua estrangeira	Reportagem	Março

2.	Pesquisa didática: as buscas via internet	Gabriel Pillar Grossi	222	Reportagens	Reportagem	Maiο
3.	Recursos didáticos: tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino	Amanda Polato	223	Capa	Reportagem	Junho/julho
4.	Língua Portuguesa: casamento proveitoso – Podcasts com gêneros orais são bom exemplo de uso da tecnologia	Bianca Bibiano	223	Sala de aula: Língua Portuguesa	Reportagem	Junho/julho
5.	Educação a distância mitos e verdades	Ana Rita Martins e Anderson Moço	227	Capa	Reportagem	Novembro
6.	Língua portuguesa de olho na tela	Beatriz Vichessi	227	Sala de Aula	Reportagem	Novembro
7.	Tecnologia na aula	Tatiana Pinheiro	228	Reportagens	Reportagem	Dezembro

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Na primeira matéria do ano, na edição 220, de março, a reportagem “*Idioma que vem da web*” afirma que a internet é um excelente recurso para

explorar o uso do inglês, mas é preciso definir muito bem quais gêneros e quais conteúdos abordar. É oportuno incluir a rede mundial de computadores no ensino de idiomas, pois boa parte das páginas da internet está em inglês, apresentando aos alunos um conhecimento de aplicação imediata. O idioma é ensinado com base na leitura e escrita de textos em blogs.

Na segunda matéria, na edição 222, de maio, a reportagem “*Pesquisa didática: as buscas via internet*” afirma que a tecnologia está cada vez mais presente na vida de todos, no entanto, o uso de computadores na escola ainda não está tão disseminado em nosso país e em países vizinhos; e que 63% dos estudantes brasileiros dizem que o lugar mais habitual para acessar a internet é a escola. Porém, esses mesmos jovens afirmam que metade dos professores não utiliza nem recomenda a rede. Para pesquisadores da Universidade de Buenos Aires, é comum a ideia de que o fato de terem mais acesso às máquinas desde cedo, as crianças sabem tudo o que precisam fazer, o que não é verdade, pois os professores têm um papel fundamental na hora de ajudar seus alunos a usar as novas tecnologias. A matéria ensina os alunos a fazerem pesquisas na internet.

Na terceira matéria, na edição 223, de junho/julho, a reportagem capa da revista é “*Recursos didáticos: Tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino*” é um guia para todas as disciplinas e mostra quando as novas ferramentas são essenciais para a aprendizagem. Segundo a reportagem, por ser relativamente nova, a relação entre as tecnologias e a escola ainda é bastante conflituosa e só vale levar a tecnologia para a sala de aula se ela estiver a serviço dos conteúdos, excluindo as apresentações de Power Point, os jogos de computador que só entretêm as crianças ou aqueles vídeos que só cobrem buracos de planejamento mal feito.

Na quarta matéria, ainda na edição 223, a reportagem na seção sala de aula língua portuguesa: “*Casamento proveitoso: podcasts com gêneros orais são bom exemplo de uso da tecnologia*” apresenta o exemplo de um professor de alunos do 9º ano que resolveu investir numa proposta mais tecnológica, combinando a vida e obra de Ariano Suassuna com uma ferramenta moderna –

o Podcast. A ideia é utilizar recursos multimídia disponíveis na escola e ainda pouco explorados, para ensinar os conteúdos de maneira prática. Os recursos utilizados na reportagem são blogs, podcasts, realização e publicação de vídeos, construção de sites. Esta ideia fez com que os alunos percebessem as diferenças entre a oralidade e o texto escrito.

Na quinta matéria, na edição 227, de outubro, a reportagem “*Educação a distância: vale a pena entrar nessa?*” apresenta mitos e verdades sobre essa modalidade de ensino que mesmo tendo crescido 45.000% a partir do ano 2000, ainda há muito preconceito quanto àqueles que tiraram o diploma nessa modalidade de ensino. Pesquisas mostram que o fato de as aulas serem à distância não significa que sejam de pior qualidade.

Na sexta matéria, ainda na edição 227, na seção sala de aula: língua portuguesa, a reportagem “*De olho na tela: revisão de textos no computador*” mostra que na hora de revisar textos o computador é o melhor instrumento para explorar várias maneiras de aperfeiçoar um texto sem perder tempo, pois a máquina proporciona liberdade para trabalhar questões relacionadas ao formato da produção de acordo com o gênero, sem a necessidade de os alunos reescreverem todo o material.

Na sétima matéria, na edição 228, de dezembro, a reportagem “*Tecnologia na aula*” apresenta um levantamento que indica que as escolas públicas de capitais brasileiras têm computadores, o desafio está em usá-los a serviço da aprendizagem, problematizando a formação docente.

Quadro 12 – Resultados da análise na categoria de *Permanências e Mudanças* referentes às matérias de 2009.

	Título da matéria	Primeira fase da internet	Segunda fase da internet: Web 2.0
1.	Idioma que vem da web		X

2.	Pesquisa didática: as buscas via internet	X	
3.	Recursos didáticos: tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino		X
4.	Língua Portuguesa: casamento proveitoso – Podcasts com gêneros orais são bom exemplo de uso da tecnologia		X
5.	Educação a distância mitos e verdades		X
6.	Língua portuguesa de olho na tela	X	
7.	Tecnologia na aula		X

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Quadro 13 - Resultados da análise na categoria de *Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia* referentes às matérias de 2009.

	Título da matéria	Construcionista	Instrucionista	Culturalista
1.	Idioma que vem da web	X		X
2.	Pesquisa didática: as buscas via internet		X	
3.	Recursos didáticos: tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino	X		X

4.	Língua Portuguesa: casamento proveitoso – Podcasts com gêneros orais são bom exemplo de uso da tecnologia	X		X
5.	Educação a distância mitos e verdades	X		X
6.	Língua portuguesa de olho na tela	X		
7.	Tecnologia na aula	X		X

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando as características das reportagens do ano e tendo como base a segunda categoria de análise - *Abordagens do Uso Educacional das Tecnologias* - percebo que das oito matérias publicadas, apenas uma não se aproxima do construcionismo, sendo considerada instrucionista: a segunda matéria “*Pesquisa didática: as buscas via internet*”, que orienta para buscas na internet, sem a garantia de que os alunos podem processar e ressignificar as atividades desenvolvidas. Apenas duas matérias não contemplam todas as práticas sociais contemporâneas, portanto, não podem ser consideradas como culturalistas: a segunda – “*Pesquisa didática: as buscas via internet*” e a sexta reportagem “*Língua portuguesa, de olho na tela*”.

Foram analisadas 10 revistas referentes ao ano de 2010. Dentre elas, 06 (seis) apresentam temas relacionados ao campo da educação e tecnologia.

Quadro 14 - Publicações relacionadas a educação e tecnologia no ano de 2010.

Título de matéria	Autor (es)	Edição	Índice	Tipo de matéria	Mês de publicação
-------------------	------------	--------	--------	-----------------	-------------------

1.	Estudo em rede	Anderson Moço	229	Sala de Aula: Geografia	Reportagem	Janeiro/ fevereiro
2.	Computadores na pré-escola	Rodrigo Ratier	232	Retrato	Reportagem	Maio
3.	Cyberbullyng	Cléo Fante	233	Capa	Reportagem	Junho/julho
4.	Ensinar com a ajuda da tecnologia	Luis Carlos de Menezes	235	Pense Nisso	Artigo	Setembro
5.	Um desafio real: como os jovens se relacionam com o mundo virtual	Anderson Moço	236	Reportagens	Reportagem	Outubro
6.	Você precisa da Educomunicação?	Rodrigo Ratier	238	Seções: Cursos e concursos	Reportagem	Dezembro
7.	13 perguntas e respostas sobre computadores na pré-escola	Fernanda Salla	238	Sala de Aula: Educação infantil	Reportagem	Dezembro

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Na primeira matéria, na edição 229, de janeiro/fevereiro, na seção sala de aula - geografia, a reportagem intitulada “*Estudo em rede*” evidencia que

lição de casa é coisa séria, e que essas atividades podem ser transformadas e ficar mais atraentes e educativas com a utilização de blogs, fóruns e chats.

Na segunda matéria, na edição 232, de maio, na seção retrato, a reportagem “*Computadores na pré-escola*” apresenta a rotina de uma pré-escola que acrescentou os computadores à sua lista de material básico de ensino. As aulas são projetadas no computador e as crianças acompanham as atividades e fazem tarefas ligadas à aula, tais como pesquisas sobre os assuntos tratados na sala; utilizam os recursos disponíveis em seu computador pessoal (PC), tais como a câmera embutida, internet.

Na terceira matéria, na edição 233, de junho/julho, a matéria de capa é a reportagem “*Cyberbullying*”, que alerta para o fato de que cada vez mais jovens são humilhados por colegas na sala de aula e no mundo virtual, evidenciando que o combate a essa violência deve passar pela escola. A revista sugere a prevenção e abordagem mais adequada ao problema.

Na quarta matéria, na edição 235, de setembro, na seção *Pense nisso*, o artigo “*Ensinar com ajuda da tecnologia*” afirma que a tecnologia, como recurso didático ou simplesmente para facilitar o trabalho do professor, não pode mais ser ignorada. O principal motivo para professores usarem as tecnologias é que os alunos já fazem ou logo farão uso delas, pois são instrumentos de comunicação que fazem parte da vida dos jovens.

Na quinta matéria, na edição 236, de outubro, a reportagem “*Um desafio real – como jovens e adultos se relacionam com o mundo virtual*” alerta para os riscos que a internet representa para os jovens. Segundo especialistas, o mundo virtual, por ser um espaço de expressão e descoberta, representa dificuldades, pois muitos jovens pensam que esse ambiente não produz efeito algum sobre o mundo real.

Na sexta matéria, na edição 238, de dezembro, na seção *Cursos e concursos*, a reportagem “*Você precisa da educomunicação?*” Apresenta a educomunicação, que é uma área que se nutre dos saberes da Pedagogia e Ciências da Comunicação, tratando do uso das mídias no ensino, investigando da crítica midiática à comunicação comunitária, da produção de vídeos com

fins educativos à resolução de conflitos no ambiente escolar. Além de apresentar os campos de atuação do educador.

Na sétima matéria, ainda na edição 238, na seção *sala de aula – educação infantil*, a reportagem “13 perguntas e respostas sobre computadores na pré-escola” explica que professores devem incluir o uso do computador na rotina das crianças, pois é papel da escola apresentar aos alunos elementos novos do mundo em que vivem, além de ensinar como interagir com esses elementos, devendo a tecnologia ser usada para expandir os conhecimentos dos pequenos.

Quadro 15 – Resultados da análise na categoria de *Permanências e Mudanças* referentes às matérias de 2010.

	Título da matéria	Primeira fase da internet	Segunda fase da internet: Web 2.0
1.	Estudo em rede		X
2.	Computadores na pré- escola	X	
3.	Cyberbullyng		X
4.	Ensinar com a ajuda da tecnologia		X
5.	Um desafio real: como os jovens se relacionam com o mundo virtual		X
6.	Você precisa da Educomunicação?		X
7.	13 perguntas e respostas sobre computadores na pré-escola	X	

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Quadro 16 - Resultados da análise na categoria de *Abordagem de Uso Educacional da Tecnologia* referentes às matérias de 2010.

	Título da matéria	Construcionista	Instrucionista	Culturalista
1.	Estudo em rede	X		X
2.	Computadores na pré-escola	X		X
3.	Cyberbullyng	X		X
4.	Ensinar com a ajuda da tecnologia		X	X
5.	Um desafio real: como os jovens se relacionam com o mundo virtual	X		X
6.	Você precisa da Educomunicação?	X		X
7.	13 perguntas e respostas sobre computadores na pré-escola	X		X

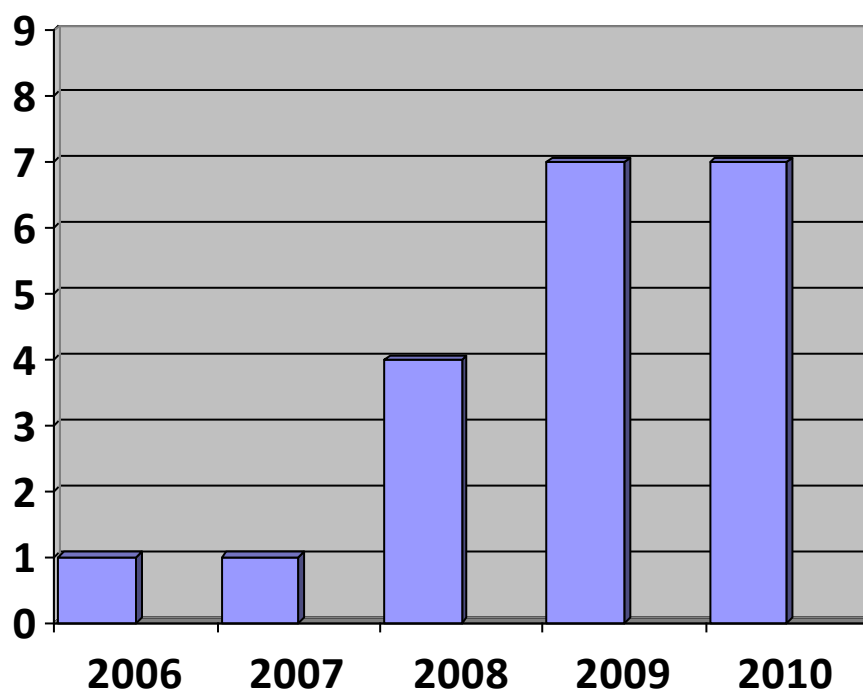
Fonte: elaborado pela pesquisadora

Observando as características das reportagens do ano e tendo como base a segunda categoria de análise *Abordagens do Uso Educacional das Tecnologias*, percebo que das sete matérias publicadas, apenas uma não se aproxima do construcionismo, sendo considerada instrucionista: a quarta matéria “*Ensinar com a ajuda da tecnologia*”, que sugere a desatenção das escolas com a necessidade de modernizar os recursos para educar. Da forma como o artigo é apresentado, os desdobramentos possíveis não nos convencem de que o mesmo visa fomentar os envolvidos no processo de

ensino aprendizagem a atuarem em prol da construção do conhecimento. Evidencia que a presença das tecnologias por si, melhoram os processos escolares. Quanto à abordagem culturalista, entendo que todas as publicações fomentam a integração das tecnologias digitais aos processos educativos, articulando as dimensões pedagógicas com as sociais e culturais de uso das TDIC.

Após a análise detalhada das matérias publicadas nos anos de 2006 a 2010, na Revista Nova Escola, apresento os seguintes quadros gerais:

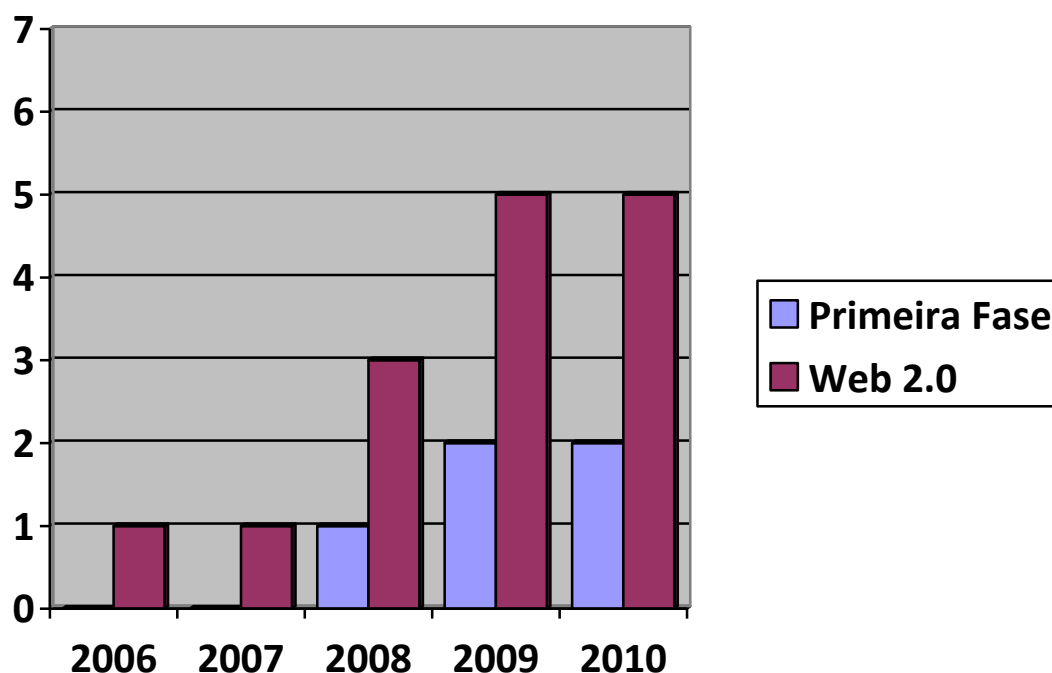
Quadro 17 – Matérias referentes à Educação e Tecnologia na Revista Nova Escola



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O quadro 17 evidencia o aumento de matérias da Revista Nova Escola dedicadas ao campo de estudos Educação e Comunicação, provavelmente em função do inexorável crescimento das crianças e jovens com as TDIC e, por conseguinte, da crescente demanda de reflexão sobre este campo de estudos para as escolas.

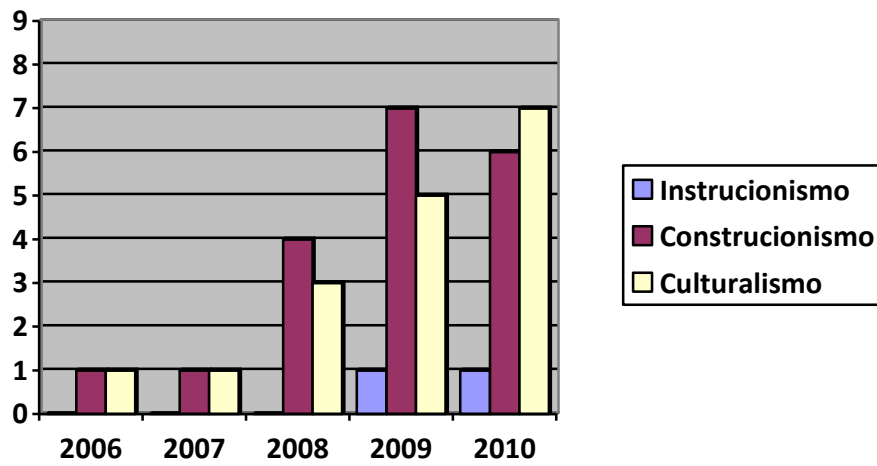
Quadro 18 – Primeira categoria de análise: *Permanências e Mudanças*.



Fonte: elaborado pela pesquisadora

O quadro 18 desvela um paradoxo: apesar da Web 2.0 ter se consolidado nas organizações societárias, os artigos voltados a matérias concernentes à primeira fase da web evidenciam-se nos últimos anos: 2008, 2009 e 2010.

Quadro 19: Segunda categoria de análise: *Abordagens de uso Educacional da Tecnologia*.



Fonte:

elaborado pela pesquisadora

O quadro 19 desvela um ligeiro destaque da abordagem culturalista, no ano de 2010, talvez em função da consolidação das redes sociais.

Considerações finais

Com o presente estudo, busquei investigar as principais tendências e abordagens de uso educacional das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, propostas pela Revista Nova Escola, no período de 2006 a 2010. A escolha da revista mencionada como *corpus de análise* é pautada no entendimento de que a mesma contribui para a incorporação das TDIC aos processos educacionais, dada a sua grande circulação e prestígio entre os docentes da educação básica brasileira, fomentando os processos formativos alicerçados na tríade ação-reflexão-ação.

Os achados da pesquisa, ilustrados com os resultados do quadro 17, que apresenta as publicações referentes à Educação e Tecnologia dentro do recorte temporal, edições da revista publicadas nos anos 2006 a 2010, mostram o aumento do interesse pela temática Educação e Tecnologia. O que leva ao entendimento de que há preocupação e interesse em qualificar os professores para o uso educacional das TDIC, integrando os leitores da revista à cultura digital, na expressão de Maria Helena Silveira Bonilla.

Freire & Shor (2011) possibilitam o entendimento da contribuição da Revista Nova Escola à inclusão digital do Pedagogo: aprenderemos a incorporar as Tecnologias Digitais à prática educativa refletindo sobre a maneira como a educação se apropria dos recursos tecnológicos nos processos de ensino, com todos os ranços e avanços que coexistem durante estes processos.

Quanto ao quadro 18, que trata da primeira categoria de análise, *Permanências e Mudanças*, a partir do ano de 2008, comprova o significativo aumento nas publicações que evidenciam as possibilidades educacionais de uso das TDIC consonante com as ideias de Edméa Santos (2010), que defende novos paradigmas educacionais, comunicacionais e tecnológicos como garantia de atos de currículo “[...] sintonizados com as dinâmicas da construção do conhecimento em rede, da inteligência coletiva, da comunicação interativa e, conseqüentemente, da educação cidadã.” (*ibid*, p. 128)

Já na segunda categoria de análise, *Abordagens e uso Educacional da Tecnologia*, sintetizada no quadro 19, é evidente, também a partir do ano 2008, significativo aumento nas publicações consonantes com as abordagens mais próximas do construcionismo e culturalismo, servindo aos docentes como fonte de informação complementar aos processos de formação inicial e continuada.

A pesquisa exploratória desenvolvida ratifica a suposição de que a Revista Nova Escola pode contribuir para a inclusão digital do Pedagogo, através de suas publicações, com relevantes propostas de uso educacional das TDIC, com propostas que se aproximam mais das premissas epistemológicas do Construcionismo, da aprendizagem colaborativa em rede e da articulação das dimensões pedagógicas com as dimensões sociais e culturais de uso das tecnologias digitais. Tal entendimento assevera o importante papel da revista em tela, como instância complementar aos processos formativos dos profissionais da educação básica, particularmente o professor.

Referências Bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 2ª. Ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BONILLA, Maria Helena. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. **Motrivivência**, ano XXII, n. 34, p. 40-60, jun. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/17135> Acesso em: 13/07/2016.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Política educativa e cultura digital: entre práticas escolares e práticas sociais**. *Perspectiva (UFSC)*, v. 33, p. 499-521, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/36433/31292> Acesso em 13-07-2016.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e ejercicios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

BRITO, Gláucia da Silva. Inclusão digital do profissional professor: entendendo o conceito de tecnologia. **Anais do 30º encontro Anual ANPOCS**, 24 a 28 de outubro de 2006. Disponível em: http://aveb.univap.br/opencvms/sites/ve2007neo/pt-Rimagens/27-06-07/Ticsx/trabalho_142_glaucia_anais.pdf Acesso em 10/11/2015

CAVACO, M.H. *Ofício do professor: o tempo e as mudanças*. In: Antônio Nóvoa (org). **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. Portugal: Porto Editora, 1999. P.155-191

CONAE 2010: Conferência Nacional de Educação. *Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, diretrizes e estratégias – Documento final*. Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em: http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento_final_sl.pdf _ Acesso em 10/11/2015.

ESTEVE, J.M. *Mudanças sociais e função docente*. In: Antônio Nóvoa (org). **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. Portugal: Porto Editora, 1999. P.93-124

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução Adriana Lopes. 13ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GIROUX, Henri. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L.R.S. A Educação e os desafios das novas Tecnologias. In: Celso Ferreti; Dagmar Zibas; Felícia Madeira; Maria Laura Franco (orgs.) **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓVOA, Antônio (org). **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. 2ª edição, Portugal: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, Celina *et al.* Concepções de conhecimento, prática pedagógica e a utilização do computador no processo de ensino-aprendizagem. In: **Ambientes informatizados de aprendizagem: produção e avaliação de software educativo**. Campinas, Papirus, 2001. pp. 13-60.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Cibercultura, cultura audiovisual e *sensorium* juvenil. In: Lucia Leão (org.). **O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: SENAC, 2005. p. 495-503.

OLIVEIRA, Sidnei R. *et al.* Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? **Organizações & Sociedade**. vol. 19, n. 62. Salvador, jul/set 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v19n62/10.pdf> Acesso em: 13/07/2016

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PESCE, Lucila. Contribuições da Web 2.0 à formação de educadores sob enfoque dialógico. In: Angela Dalben, Julio Diniz, Luciola Santos. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v.1, p.251-278. Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/endipe/livros/Livro_3.PDF Acesso em 10/11/2015

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista Educação e Contemporaneidade*. v. 22, n. 40, jul.-dez. 2013. p. 19-30. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/747/520> Acesso em 08/08/2016.

PESCE, L. M.; LIMA, V. S. Linha de pesquisa inclusão digital e formação de professores: relato analítico do trabalho desenvolvido no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo. **Revista Contemporaneidade, Educação e Tecnologia**, v. 1, n. 2. p. 29-41, 2012. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/04/unifesp_2_012.pdf Acesso em 10/11/2015

POUGET, P. **Intégrer et manager la Génération Y**. Paris: Editions Vuibert, 2010.

PSATHAS, George. ed. *Phenomenological sociology. Issues and Applications*. New York: Wiley, 1973.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SACRISTÁN, J.G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: Antônio Nóvoa (org). **Profissão Professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. Portugal: Porto Editora, 1999. P. 63-92

SAMPAIO, Joseilda; BONILLA, Maria Helena Silveira. Os jovens na contemporaneidade: a experiência da articulação entre a dinâmica da escola e um projeto de inclusão digital. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, RS, v. 19, n. 1, p. 181-193, jan./jun. 2012.

SANTOS, Edméa. A informática na educação antes e depois da Web 2.0: relatos de uma docente-pesquisadora. In: RANGEL, Mary & FREIRE, Wendel (Orgs.). **Ensino-aprendizagem e comunicação**. Rio de Janeiro: Wak, 2010. pp. 107-129.

SILVA, Lidiane. R. C. *et al.* Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, IX, Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, III, 2009, Curitiba. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3124_1712.pdf Acesso em 08/08/2016.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 81, 2002. pp. 143-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf> Acesso em 10/11/2015.

VALENTE, José Armando. Perspectivas instrucionista e construcionista no uso das TIC na Educação: uso da internet em sala de aula. **Revista Educar**. Curitiba, n. 19, 2002, p. 131-146. Editora da UFRP. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufrp.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2086/1738> Acesso em 10/11/2015.

VASCONCELOS, K. C. A. *et al.* **Geração Y e suas âncoras de carreira**. Gestão Organizacional, v. 8, p. 226-244, 2010.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E PESQUISA - EnANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

ZUIN, Antônio Álvaro. O Plano Nacional de Educação e as Tecnologias da Informação e Comunicação. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 112, p. 961-980, jul. - set. 2010.

Legislação Consultada

BRASIL. **Parecer CNE/CP 03/2006, de 16 de maio de 2006**. Reexamina o Parecer CNE/CP n. 5/2005, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: Ministério da Educação, 16 maio de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003_06.pdf Acesso em: 10 de julho de 2016.

BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em 04/09/2016.